

Utilização do babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.) pela Associação Comunitária das Trabalhadoras no Beneficiamento do Babaçu (ACTBB), no município de Codó – MA, Brasil.

*Mayara B. da Silva¹, Thaissa Fernanda S. e Silva¹, Leiliane da Silva¹, Luis Eduardo C. Araújo², Eduardo O. Silva³

1. Estudante de Ciências Naturais da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/ Campus Codó; *mayarabarrozo@hotmail.com

2. Estudante de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/ Campus Codó

3. Prof. Assistente da Universidade Federal do Maranhão, UFMA/Codó, Maranhão, Brasil.

Palavras Chave: *Extrativismo, quebradeiras de coco, mulheres.*

Introdução

O babaçu (*A. speciosa*) é uma das espécies que se destacam na subsistência de diversos povos e populações tradicionais que habitam o Cerrado (González-Pérez et al. 2012). O município de Codó – MA, tem se destacado como um importante centro de comercialização de produtos oriundos da palmeira de babaçu.

A principal utilidade do babaçu, consiste na produção de óleo, para fins culinários e industriais, a partir das amêndoas que representam apenas de 6% a 7% do peso total do fruto. As demais partes do fruto oferecem matéria para produção de carvão, alcatrão, gás combustível e álcool, para fins energéticos, ou de amido. Os produtos extraídos de forma artesanal são fabricados por trabalhadoras rurais, onde as mesmas visam fins lucrativos para contribuir na renda familiar (Carvalho, 2007).

O objetivo dessa pesquisa é analisar a importância do coco babaçu para a comunidade codoense, identificando a relevância dos membros da ACTBB, buscando saber os aspectos socioeconômicos da classe e a contribuição dos mesmos para o desenvolvimento de práticas sustentáveis.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados membros da Associação Comunitária das Trabalhadoras no Beneficiamento do Babaçu, no município de Codó/MA, onde foram aplicados questionários semiabertos a 28 quebradeiras (70% das associadas, de um total de 180 membros).

Nas visitas realizadas, foram coletados vários relatos como por exemplo, questões envolvendo a própria associação como a evasão de membros, que chega a ser 30% do total de inscritos. Para muitas associadas, uma das soluções que minimizou a saída de quebradeiras foi a união com o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que atende os estados do Pará, Tocantins e Maranhão.

HISTÓRIA E IDENTIDADE

O levantamento sócio-histórico das quebradeiras revelou que o extrativismo do coco babaçu, foi uma das formas de subsistência da maioria dessas mulheres, onde 83% afirmaram que vivem da extração de coco babaçu há mais de 25 anos. A extração das amêndoas do babaçu de forma manual em um sistema caseiro, tradicional e de subsistência, representa praticamente a única fonte de renda de parte da população interiorana das regiões onde ocorre o babaçu, em especial, mulheres acompanhadas de suas crianças: as "quebradeiras", como são chamadas (Carvalho, 2007).

A união dessas mulheres em associações como a ACTBB contribui no reconhecimento delas como trabalhadoras que utilizam a palmeira como fonte de recurso e renda.

COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

A palmeira de babaçu, por ser um recurso vegetal explorado por comunidades tradicionais, as quebradeiras da associação possuem uma política de coletivismo, onde tudo que é adquirido através dos produtos é dividido igualmente entre as mesmas.

As associadas desenvolvem atividades com fins lucrativos através da comercialização de utensílios produzidos a partir da palha do babaçu (cofos, abanos, esteiras, etc), dos flocos do mesocarpo (farinha), das amêndoas que servem para produção do óleo (azeite de coco), leite de coco e até produtos higiênicos como sabonetes (FIGURA 1).

No âmbito da associação, a parte mais utilizada da planta pelas sócias (83%) é a amêndoa, com valor mercantil e industrial. Carrazza et al. (2012) citam que segundo o censo agropecuário, a amêndoa do babaçu é o segundo produto florestal não madeireiro mais vendido no Brasil, com cerca de 120 mil toneladas anuais.



FIGURA 1: Produtos comercializados na ACTBB.

Conclusões

A palmeira de babaçu, por ser um recurso vegetal explorado por comunidades tradicionais, representa fonte de renda para várias famílias do interior, e por isso, precisa ser preservada como alternativa sustentável para várias famílias, que tem na extração e processamento dos frutos e amêndoas uma garantia de subsistência.

CARRAZZA, L. R.; CRUZ e ÁVILA, J. C.; SILVA, M. L. Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto e da Folha do Babaçu (*Attalea* spp.). Brasília – DF. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), Brasil, 2012.

CARVALHO, J.D'A. V. Cultivo de Babaçu e Extração do Óleo. Dossiê Técnico. Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília – CDT/UnB, 2007.

GONZÁLEZ-PÉREZ, S; COELHO-FERREIRA, M., R.; De ROBERT, P.; LÓPEZ C. Conhecimento e usos do babaçu (*Attalea speciosa* Mart. e *Attalea eichleri* (Drude) A. J. Hend.) entre os Mebêngôkre-Kayapó da Terra Indígena Las Casas, estado do Pará, Brasil. Acta Botanica Brasílica, v. 26, n. 2, p. 295-308, 2012.